

# BUSCA DE SUBSÍDIOS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

*PAULO GOULART JUNIOR \**

## RESUMO

No que respeita à estrutura geral deste trabalho, importa apenas lembrar que o mesmo já se inicia pela Introdução, na qual procuramos explicitar as razões que nos levaram a optar por este tema. O primeiro capítulo visa resenhar a vida e a obra dos elementos que destacamos como síntese de cada período estudado. Tal capítulo aborda as situações sócio-políticas da época, destacando os autores emergentes em cada período. São eles: Aristóteles, na idade antiga; Santo Agostinho, na idade medieval; e Sigmund Freud, na idade moderna. O segundo capítulo dedica-se às questões bipolares que denominamos “dualismos”. Buscou-se aí, na óptica dos autores citados acima, a contextualização dos dualismos **corpo e alma, bem e mal, homem e mulher**. O terceiro capítulo relata o trabalho laboratorial de campo realizado por este pesquisador, numa escola de 1º grau do Município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O quarto e último capítulo previsto para este trabalho constituiu-se de reflexão e conclusão, com propostas de subsídios para a educação sexual.

---

\* Mestre em Educação. Professor do Departamento de Biologia da UCDB.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a sexualidade humana vem se constituindo em um dos temas bastante estudados, por se tratar de questão que tem grande importância nos diferentes ramos das ciências. Presentemente, no ano de 1996, a investigação sobre sexualidade tem se voltado para a educação, provavelmente pela ênfase dada pelo Ministério da Educação, que já pensa na implantação da educação sexual no currículo escolar no ano de 1997<sup>1</sup>.

Vários são os caminhos que colocam a sexualidade como prioridade inclusive governamental. Um dos caminhos está relacionado ao desconforto proveniente do desconhecimento de educação sexual para se tratar com crianças, adolescentes, adultos e sociedade em geral, que têm demonstrado crescente e relevante interesse a respeito desse assunto. E, em se tratando de conhecimento que deva ser tratado inclusive na escola brasileira, nossos programas educacionais não contemplam tal temática. Outro caminho se refere à saúde; sanitaristas, políticos, mídia e oportunistas têm como indicação a educação com a finalidade de aplacar o grande mal da humanidade, de nosso fim de século, a AIDS/SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Entendendo-se que, neste caminho, a educação sexual seja a saída

---

<sup>1</sup>No estado de Mato Grosso do Sul temos:

Lei nº 1.188 de 11 de julho de 1991

*“Dispõe sobre a obrigatoriedade do estudo sobre drogas, entorpecentes e psicotrópicos e sobre AIDS ou SIDA e as doenças sexualmente transmissíveis, no ensino de 1º e 2º graus”.*

Em 22 de março de 1995, o Deputado Cícero de Souza, da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, aprovou o seguinte texto de Lei:

*“Artigo 1º - ficam obrigadas as escolas estaduais de Mato Grosso do Sul a adotar, nos currículos de 5ª e 6ª série do ensino fundamental, a matéria orientação sexual.*

*Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.*

*Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário”.*

para minimizar e afastar o fantasma de tal doença, que é também transmitida sexualmente.

Tem-se, então, que é necessário falar sobre sexualidade para que lentamente se procure estabelecer suas relações com a educação. É, então, conveniente buscar um caminho que vise ao norteamento para a educação sexual e os educadores. Por via da educação, os educadores serão chamados para tão importante tarefa, quando não bastará que se ensine o que cada um pensa a respeito, ou ao seu modo, de como a sexualidade deva ser expressa.

Para se trilhar o caminho da educação sexual, torna-se necessária a investigação que contemple seu peso histórico e cultural, acumulado paulatinamente ao longo dos séculos. Este acúmulo de conhecimentos se fez ora por ação religiosa, ora por ação médico-sanitarista, ora por ação moral, entre outros. E por isso precisa ser analisado, revisto e avaliado. Portanto, antes de se propor uma educação sexual sistematizada, temos, em primeiro lugar, que nos reconhecermos como seres sexuados e educandos → reeducação → desta dimensão humana → sexualidade. É este o caminho que se pretende trilhar com a presente pesquisa.

Para se estudar a sexualidade humana, partimos da convicção de que teremos que percorrer os caminhos da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Biologia, da Psicologia e da Pedagogia, como elos interligados à ciência da História, que se tornam indispensáveis ao estudo desta natureza. Com isso, estaremos compreendendo a história da sexualidade na civilização ocidental, e só então poderemos confrontar nossos preconceitos, medos, resistências e vergonhas com suas respectivas origens e, também, com a forma pela qual nos foram repassados através dos tempos.

## RAZÕES DA INVESTIGAÇÃO

As duas últimas décadas trouxeram notável progresso para o conhecimento da sexualidade humana, ainda em processo de assimilação por uma elite de pesquisadores, razão pela qual tal conhecimento se encontra em fase de significativo enriquecimento. A evidência, hoje, sugere que os problemas sexuais, embora possam naturalmente ser manifestação de profundo distúrbio emocional ou até mesmo de doença mental, ocorrem também, e comumente, em pessoas em perfeito equilíbrio biopsíquico.

Nosso interesse por este tema decorreu também de nossa vivência no campo das ciências biológicas, como professor e pesquisador na área de genética humana, ao nos defrontarmos com problemas de cunho genético que afetam os órgãos de reprodução, passamos a lidar com questões de ordem sexual entre casais e pessoas. Ato contínuo, ministramos cursos e proferimos palestras em escolas, faculdades e associações de classe. Em consequência, tivemos a necessidade de nos relacionar com pesquisas e obras de autores que se dedicam a trabalhos de investigação e divulgação de estudos da sexualidade humana numa ótica histórico-cultural.

O dia-a-dia com tais estudos, principalmente com a obra *Os Dogmatismos Sexuais* de Naumi Vasconcelos (1971), influenciou-nos profundamente pela maneira como confere ampla abrangência à sexualidade humana:

*“é necessário uma conversão epistemológica a essa temática, pois não se pode referir à sexualidade animal sem uma história e sem cultura. E sim, a uma sexualidade enquanto imersa na temporalidade, nela recebendo sua revelação vivencial, suas formalizações conceituais, sua expressão estética, seu tratamento moral e social. Que tudo isso faz da sexualidade humana o que ela pode ser: uma descoberta, uma elaboração, uma busca. Descoberta do corpo, como dimensão de minha afetividade.*

*Elaboração pessoal e criativa dessa dimensão afetiva, que não “nasce” já determinada. Busca, enquanto a sexualidade humana e essencialmente erótica, isto é, voltada para o outro”* (Vasconcelos, 1971:3).

Diante desse universo conceitual, foi que passamos a entender que a educação sexual não pode prescindir do questionamento crítico das noções sexuais correntes, pois decididamente não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições de desenvolvê-la, em seu contexto sócio-cultural e pessoal, e de recriá-la. A criação dessas condições dar-se-á em uma perspectiva crítica, gerando as condições para a elaboração pessoal, de forma que, então, o sentido criador será a meta mais relevante da educação sexual.

Estamos, há mais de quinze anos, ministrando cursos de extensão, palestras e subsidiando terapeutas sexuais, fato este que nos levou à matrícula em um curso de especialização (pós-graduação “lato sensu”), em Psicanálise, concluído em 1992. Esse curso muito contribuiu para a revisão de posição em relação à abordagem da sexualidade humana, inclusive pela sistemática dedicação à obra do “pai” da Psicanálise, Sigmund Freud, que se tornou referência básica de estudo nos capítulos 1 e 2 deste trabalho.

Diante da grande riqueza de contribuições de vários autores, e da nossa própria prática, elegemos por meta a nossa transformação do sentido de buscar o entendimento da pessoa humana em suas várias dimensões, enquanto ser histórico que somos, concretamente sexuado.

Essa é uma meta que vimos perseguindo há anos, inclusive no que respeitou à concepção e elaboração deste trabalho, embora reconheçamos reais limitações, sobretudo no que se refere ao profundo conhecimento do homem e da sua história macrocósmica, bem como do ser humano que somos enquanto história microcósmica, ou seja, da nossa produção existencial, única e ímpar, porém interligada ao contexto universal.

## OBJETIVO

Antes de passarmos ao enunciado do objetivo propriamente dito da investigação, convém observar que o mesmo se relaciona estreitamente com o pressuposto de que **a cultura dos tabus e preconceitos, concernentes ao trato com a sexualidade humana, pode ser revertida e reorientada a partir de adequadas abordagens históricas, psicológicas, anátomo-fisiológicas e pedagógico-educacionais, criteriosamente investigadas, analisadas, testadas e disseminadas nos âmbitos tanto da educação escolar quanto de outros ambientes (lares, consultórios, hospitais, etc.) que se ocupem da vida e da saúde física e mental da pessoa humana.** Este pressuposto aflorou dos estudos e vivências mencionados no item anterior, o que tratou das **Razões da Investigação.**

Em face desse pressuposto, a presente investigação se orientou pelo seguinte objetivo: **selecionar, testar e avaliar processualmente abordagens pedagógico-educacionais, histórico-sociológicas, psicológicas e anátomo-fisiológicas, para a implementação da educação sexual, enfatizando-se as dualidades históricas concernentes à questão da sexualidade.**

## ARCABOUÇO METODOLÓGICO

Sabe-se que o tema sexualidade surge com freqüência em jornais de circulação nacional e em todos os meios de comunicação (rádio, TV, cinema, livros), na maior parte das vezes como debates, entrevistas ou mesmo em programas radiofônicos, como aconselhamento. Aparece, ainda, como programa de partido político, no Congresso Nacional, e agora também no Ministério da Educação borbulha tal idéia. E todos

apontam a escola como a grande saída para a Educação Sexual. É inegável que profissionais das mais diferentes áreas se manifestam favoráveis à implantação da Educação Sexual. Muitos acreditam ser através dessa Educação que se tornará possível o controle da propagação de doenças sexualmente transmissíveis. Existem inclusive aqueles que acreditam que, através da escola, se poderá realizar programas de controle da natalidade.

Por essas e outras discussões é que temos buscado ficar atentos e preocupados. Nos últimos quinze anos, vivemos várias experiências, ora participando de cursos ou ministrando cursos e palestras em diversas instituições dos Estados de Mato Grosso do Sul e Goiás. Percebemos que o tema surge sob as mais variadas formas, como, por exemplo, a forma **sexista**, aquela que prega violência e luta entre homens e mulheres pela disputa da superioridade; outra forma é a **biológico-reprodutiva**, em que se enfoca o sexo apenas com ênfase na reprodução. Outras maneiras de enfoque desse tema são as de cunho **religioso, moral, espiritual e místico**, ou ainda, como questão **médico-sanitarista**.

Por nossa prática, concordamos que se deva levar em conta a existência de inquietação e extrema dificuldade, entre os professores, para se iniciar tal diálogo, ou seja, trazer a sexualidade para o campo da palavra, do permitido, do que é humano e prazeroso. A quase totalidade dos educadores, principalmente os voltados para as ciências biológicas, pensam numa sexualidade biologizada, anatômica, descritiva e ainda fragmentada. Tal cultura acarreta grande mal, porque leva à culpa e ao medo. Nos meios educacionais, temos encontrado categorias de colegas que preferem colocar-se como protetores dos alunos, no sentido de alertá-los contra os chamados perigos sexuais; apresentam a convicção de que não se pode subverter a ordem, convencidos de que aquilo que está estabelecido é o correto; buscam nos estudos ou nas pessoas com maior esclarecimento meios para orientar seus alunos, ávidos de percebê-los como organismos inteiros dotados de história, cultura, afeto, emoção e sexualidade.

É bastante comum a divulgação da chamada *influência negativa* nos meios de comunicação, os quais acabam por colocar em dúvida os padrões morais da família quando transmitem paradigmas consumista e permissivo de sexualidade.

É preciso também reconhecer a necessidade de fundamentação teórica, conhecer a experiência que outros educadores vivenciam, para que se possa comparar suas práticas docentes, tomar conhecimento de trabalhos já realizados, saber, enfim, o que se passa numa esfera maior e, também, observar o que está sendo proposto no campo da educação sexual em nosso Estado e, por extensão, no Brasil e no mundo.

É-nos bastante claro que alunos e professores precisam de oportunidades para discutir, estudar e analisar a questão sexual e sua dimensão pedagógica. Isto porque não é incomum encontrarmos professores que estão acima de qualquer suspeita, sujeitos que se apresentam como castos, assexuados e desprovidos de sentimentos e desejos eróticos. Esses são os que trabalham a sexualidade de forma biologizada, preventiva e muito distante do humano, para os quais o binômio prazer-amor está fora de discussão, pois é preciso preservar a inocência das crianças e eliminar a *perversidade* dos adolescentes.

Um grande problema, hoje, nas escolas, são as atitudes de curiosidade sexual, manifestadas por alunos, pois os mesmos são muito *maliciosos*. Reagir a tais percepções dos alunos é demonstrar falta de conhecimento relativo às teorias científicas sobre o desenvolvimento humano, bem como de trabalhos e projetos referentes à educação sexual.

Diante desse quadro, vislumbra-se a necessidade de uma fundamentação para se encontrar as origens desses medos, resistências, dogmatismos e formas **pre**-conceituosas de conceber a sexualidade. É claro que não se trata de propor ou mesmo defender a inclusão de uma nova disciplina nas grades curriculares. Trata-se de algo mais relevante, da necessidade de orientar, apontar rumos, buscar junto aos professores medidas possíveis e viáveis para lidar com a sexualidade. Para isso fazem-se necessários estudo e pesquisa. É preciso analisar a história do homem e das sociedades ao longo dos tempos para que,



assim, possamos compreender os aspectos duais de corpo e alma, a situação também dual homem/mulher e aquilo que nos atormenta, há séculos, a grande dualidade bem e mal. Neste contexto, torna-se possível vislumbrar as relações dessas dualidades e suas interligações no campo da sexualidade e da vida humana.

A sexualidade e a moralidade também podem ser entendidas numa perspectiva histórico-cultural. Importa investigar como chegamos a *reduções*<sup>2</sup>: por um lado, uma sexualidade *boa*, visando apenas à procriação; por outro, uma sexualidade *má*, que visa ao prazer. Partindo dessas *reduções*, constatamos ser imperiosa a necessidade de sistematizarmos elementos conceituais e teóricos que possibilitem maior articulação e coerência a um saber que vimos construindo na vivência prática dos últimos anos, em nossa atividade de docência, a respeito de subsídios de educação sexual.

Entendemos que a sexualidade deva ser estudada na perspectiva de processo, sem se esgotar no registro e no enfoque de fatos estatisticamente isolados, pois, nos dias atuais, tudo o que nos parece estático e imutável um dia deixará de existir ou certamente reaparecerá com novos significados. É também nossa pretensão investigar subsídios para uma maior competência técnica, ou melhoria qualitativa do trabalho pedagógico, de tal sorte que se proporcionem novas abordagens da sexualidade, visando mudanças significativas e alternativas concretas de discussões com professores que se engajem no desafio da educação sexual de crianças e jovens.

Em nossa trajetória metodológica, fizemos a opção por analisar os períodos **antigo**, **medieval** e **moderno**, através da doutrina dos respectivos intelectuais representativos, no caso, Aristóteles, Santo Agostinho e Sigmund Freud. São autores-sínteses das épocas citadas e porta-vozes de culturas historicamente situadas no tempo e no espaço. Essa análise não se confirma como uma abordagem filosófica da sexualidade, visto tratar-se de pesquisa com a pretensão, inclusive, de detectar significações dadas a alguns aspectos da sexualidade, na evolução histórico-

---

<sup>2</sup> Aqui este termo tem como significado: a ação de diminuir, simplificar, limitar, restringir, reduzir.

-cultural. Dando um passo à frente da pura e simples análise histórica, a investigação se estendeu à seleção, testagem e avaliação processual de abordagens pedagógico-educacionais, histórico-sociológicas, psicológicas e anátomo-fisiológicas, que possam subsidiar a melhora qualitativa do trabalho pedagógico em educação sexual.

Visando fugir do *reducionismo* biológico na educação, segundo o qual se acredita que as questões da sexualidade só podem ser resolvidas por professores de ciências e biologia, idealizamos e formamos um grupo de professores de todas as áreas do conhecimento para estudo e testagem de abordagens na linha do que se mencionou no parágrafo anterior. Realizamos atividades de testagem por 160 horas/aula, sendo 05 horas/aula por semana. Tal metodologia usada tinha, como estratégia, tempo para que os integrantes envolvidos pudessem trabalhar os textos e as obras envolvidas na testagem. Esse grupo, constituído por professores de primeiro grau e funcionários da Escola de Primeiro Grau Coração de Maria, funcionou sistematicamente nessa mesma escola.

Após a avaliação do grupo, tivemos a possibilidade de apresentar os subsídios resultantes aos diversos profissionais, que direta ou indiretamente estão envolvidos com a questão sexual, para que os mesmos os reavaliassem e sugerissem novas estratégias. Desse trabalho, resultou um programa de abordagens que, nesta pesquisa, se intitula *Hipotético Esboço do Programa de Abordagens para Educação Sexual*. Tal programa apresenta características próprias e é muito cuidadoso em relação ao *reducionismo* biológico. Tanto que o mesmo enfoca as abordagens pedagógico-educacionais, histórico-sociológicas, psicológicas, biológicas e éticas, pretendendo fugir, intencionalmente, de outro *reducionismo* que tende a direcionar quase tudo para a relação binômica *causa/efeito*.

Ao falarmos de sexualidade, sempre estaremos nos confrontando com posturas conflitantes: valores morais, políticos e religiosos. Intentando fazer que a pesquisa se desviasse dessa rota preconceituosa de confrontação, procurou-se orientá-la para a perspectiva histórico-cultural.

Portanto, a opção pelo estudo da sexualidade, na perspectiva histórica, leva-nos a refletir sobre quais aspectos, neste momento, nos remetem a uma compreensão global, científica e crítica dessa dimensão humana. Em função disso, consideramos relevantes:

- eleger a história ocidental, sem menosprezo à significativa história oriental;
- iniciar a análise histórica pela época clássica do mundo antigo;
- analisar a relação binomial da sexualidade, que historicamente aparece dicotomizada, em termos de **bem e mal, homem-mulher, sexo-pecado, sexo-prazer**, sempre na ótica filosófica, religiosa e psicológica;
- optar por autores representativos de cada época, buscando a análise das formas pelas quais os mesmos compreenderam a sexualidade de acordo com a contextualização de cada representante em seu tempo histórico.

Visando a que a pesquisa seja bem compreendida, alguns referenciais se tornam necessários. O mais significativo deles é a clareza de seus objetivos, pois acreditamos que pesquisas como esta, quando colocadas ao alcance de mais educadores, podem e devem tornar-se material de estudo e reflexão no processo de ação educativa. Assim, apontamos os principais referenciais que orientaram toda a dinamização operacional deste trabalho investigatório:

- buscar o aprofundamento teórico-metodológico sobre a sexualidade;
- discutir as concepções clássicas vigentes, que vêem o corpo como princípio do mal e a alma como princípio do bem;
- analisar as origens das significações dadas ao sexo só como procriativo e, no mais, pecaminoso ao longo da história;
- descobrir abordagens de educação sexual isentas das fragmentações que se aplicam à sexualidade em geral;

- abordar a sexualidade via história, com a finalidade de conhecer as raízes que alicerçam nossa cultura a respeito de sexualidade;
- produzir trabalho que sirva para que outros (professores, pais, psicólogos, biólogos, etc.) tenham a possibilidade de compreender a relevância social da implementação de pesquisa no campo da sexualidade humana.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como foco de análise a sexualidade humana. Buscamos, inicialmente, a concepção de autores significativos e eleitos como síntese de pensamento no âmbito inclusive da sexualidade. Tentamos trazer à tona, num primeiro momento, a representação de três épocas distintas, a antiga, a medieval e a moderna. Procuramos percorrer estes caminhos sempre visando a investigação estreitamente aliada à nossa prática docente.

A partir de intensos estudos e das realimentações obtidas em longa testagem, enfocando a sexualidade humana como especificidade deste trabalho, destacamos alguns aspectos que consideramos importantes:

a) Num primeiro plano, foi-nos permitido compreender melhor e explicar o processo histórico-cultural da sexualidade humana, abrangendo questões de ordem ideológica, econômica e política, entre outras, que acabaram se sobrepondo aos sentimentos e emoções do ser humano.

b) Os depoimentos de vida apresentados neste trabalho, originários dos participantes da testagem, foram muito significativos, para compreendermos o quanto de si e o tanto de conhecimento, em toda a história ocidental conhecida, que o homem investiu no mito.

c) Em nosso trabalho de testagem, percebemos e entendemos aquilo que parecia enigmático e indecifrável, de repente apareceu cristalino e nos permitiu compreender o sentido da mensagem de Naumi Vasconcelos, referida logo no início, ou seja, nas próprias *Razões da Investigação*. Na verdade, entendemos o sentido dos conceitos que foram construídos no discurso sobre a sexualidade, visto que, através do mito, o homem veiculou o conhecimento, as leis, a moral, os valores, as crenças e a história de povos que se sucederam ao longo dos tempos.

Foi desse modo que passamos a compreender melhor o real no seu todo, a perceber que as coisas e as idéias estão em constante movimento, desenvolvimento e transformação, ou seja, em processo dinâmico e contínuo. Essa constatação tornou possível estabelecer relação entre nossa prática e o suporte teórico de que nos apropriamos. Ao confrontar o fazer e o pensar, tivemos clareza de que, para se falar em educação sexual, torna-se necessária primeiro a reeducação da própria sexualidade.

Com isso, conseguimos entrever, por este estudo, que aqueles que pretendem lidar neste campo, independente de sua formação, necessitam da educação reconciliativa<sup>3</sup> sobre sexualidade. Isto, porque pensar e até mesmo propor educação sexual como disciplina integrante dos currículos escolares, ou mesmo no sentido informal, a partir de pressupostos puramente biológicos e sanitários, visando **minimizar** a gravidez precoce e as doenças específicas é, no mínimo, demonstrar não entender a própria sexualidade em seus diferentes prismas. Ficou evidente, durante a testagem, que o professor que se ocupa desta tarefa, a de Educação Sexual, precisa conhecer a si próprio, assim como a história do homem e das sociedades ao longo do tempo, pois as práticas amorosas e sexuais são expressões humanas, produtoras e produto de história, de cultura, de realização pessoal e de perpetuação da espécie.

---

<sup>3</sup> Aquela que busca compatibilizar a educação adquirida no lar com a educação formal.

Por tudo isso, temos que refletir, no sentido de que, nesse campo, não podemos mais nos enganar e sermos enganados com concepções segundo as quais homem e sexo são apresentados como elementos distantes, frios, estritamente anatômicos e ilhados do contexto sócio-político e cultural. Não cabe mais nos postarmos frente aos alunos e ditarmos funções mecânicas da sexualidade ou hierarquizarmos o corpo visando sua redução aos genitais. O tempo é outro e as exigências sociais também são outras. O momento histórico exige que nos sentemos juntos e nos libertemos de velhas idéias sexuais. E que se permita acontecer uma nova tentativa de Educação Sexual.

No puro sentido, talvez até egoísta, de aproveitamento prático deste trabalho, voltamos a insistir: os tabus, bem como os preconceitos, crendices e interditos que se acumularam em torno da sexualidade, só poderão ser questionados através do conhecimento e da dimensão histórica do homem. Temos aqui espaço para semiotizar algumas vinculações dadas à sexualidade: sexo à procriação à autor à Aristóteles; sexo à pecado à autor à Santo Agostinho; sexo à prazer à autor à Freud.

Tudo parece simples, pois sexo à procriação se enfatizou na idade antiga; sexo à pecado se cunhou na idade média; sexo à prazer se proclamou na idade moderna. Na verdade, nem tudo é tão simples assim, pelo fato de que as referidas vinculações não são sequenciais e muito menos uma anula a outra. Se avaliarmos com atenção, veremos que as três concepções estão interligadas: Aristóteles não colocaria a função sexual como reprodutiva se em seu tempo o sexo já não fosse abordado como ligado ao pecado e ao prazer; Santo Agostinho, que reafirma a reprodução e soma a esse caráter o pecado, exclui toda a possibilidade de prazer; Freud, por sua vez, enfatiza a necessidade do prazer, com ou sem intenção procriativa, e ainda se refere ao pecado como causador de muitas doenças e desacertos psíquicos no ser humano.

Neste trabalho, fica claro que as dicotomias modernas pouco diferem das da antigüidade. Estão presentes, por exemplo: a) no grupo de testagem, a maioria dos questionados se mostrou desconfortável,

principalmente em relação à homossexualidade, sendo a feminina considerada pior comparativamente à homossexualidade masculina; b) na Avaliação Externa, alguns dos representantes sociais, por se posicionarem contrários à Educação Sexual nas escolas, não disseram o porquê e, mais, sequer se interessaram pelo material enviado para a avaliação; c) **corpo e alma, bem e mal, homem e mulher** surgem como dualismos na história de vida dos egressos do grupo de testagem.

Em nosso trabalho, é importante perceber (após percorrer a história e refletir sobre **bem e mal, corpo e alma, homem e mulher**) que as codificações dadas à sexualidade pelos autores abordados são de ordem moral, diferenciadas apenas pelo tempo e pelo engajamento doutrinário, até por que os três se expressaram vinculadamente à filosofia, à religião e à psicologia. Aristóteles estava mais preocupado com a expansão da *pólis*, por isso seu suporte filosófico buscou ou através da biologia, orientar as práticas sexuais no sentido da organização familiar e da procriação; Santo Agostinho tinha como centro de interesse salvar almas, por isso se utilizou da teologia e apoiou-se numa vertente religiosa (a maniqueísta) para condenar todo relacionamento sexual que não tivesse por finalidade a reprodução; Sigmund Freud buscou na psicologia os suportes e criou a psicanálise para questionar toda a carga cultural sobreposta às uniões sexuais. Freud exalta que na sexualidade reside toda a expressão humana e vai mais além ao formular a teoria do desenvolvimento sexual infantil. Tudo isso na busca de cura para as doenças psíquicas.

Portanto, e para nós, este trabalho não é conclusivo. Trata-se tão só de séria e cuidadosa tentativa de estudo avaliativo de subsídios para implementação da Educação Sexual, na qual não foi possível tratar com profundidade todas as questões implicadas. Mas acreditamos que ficou e fica clara a idéia de que o ser humano e a sexualidade podem e devem ser entendidos como produtores e produtos da história e da cultura, não reduzidos apenas a aparatos frios e imutáveis da Biologia. Mais: acreditamos, ao visarmos a transformação no âmbito da Educação Sexual, que devemos ter, em primeiro plano, esta convicção:

a crítica do presente tem de passar necessariamente por uma revisão de entendimento do passado, pois o futuro será produzido através da compreensão histórica e da ação sobre o presente.

Com relação à bibliografia estudada, e também apresentada como sugestão, parece-nos ser de fundamental importância para todo professor interessado em Educação Sexual. Embora evidentemente incompleta, ou em fase de formação, já auxilia para a sedimentação teórica do que seja a sexualidade humana e também para o estabelecimento de unidade entre teoria e prática, necessária a todo educador.

Quanto à educação sexual na escola, pois bem: pode não ser a escola o local ideal para se fazer a Educação Sexual, mas é bem verdade que é espaço viável para desenvolvê-la, desde que sem perder de vista que a adequada educação da sexualidade não é apenas função da escola, ou seja, se pensarmos realmente em transformação nessa área, deveremos entender que a contribuição de todos é indispensável.

Finalizando, deixamos o registro de que julgamos por demais significativa e importante a realização deste estudo investigatório. A prova disso é o gratificante fato de nos sentirmos intensa e verdadeiramente estimulados a prosseguirmos nos caminhos da pesquisa e da busca de mais, e quiçá melhores, subsídios que nos enriqueçam e a quantos já estejam batalhando ou venham a compor as fileiras da luta pela Educação Sexual em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul e no Brasil como um todo.



**BIBLIOGRAFIA**

- AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). *A virgindade consagrada*. Adendos e organização geral de Nair de Assis Oliveira. São Paulo : Edições Paulinas, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Comentários da Epístola de São João*. São Paulo : Edições Paulinas, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Confissões*. São Paulo : Edições Paulinas, 1990.
- ANDRÉ, Cresson. *Aristóteles*. Lisboa : Martins Fontes/Ed. 70, 1981.
- ARISTÓFANES. *A evolução das mulheres: a greve do sexo*. Rio de Janeiro : Zahar, 1988.
- ARISTÓTELES. In: *Os pensadores: tópicos; dos argumentos sofísticos; ética a Nicômaco; poética*. São Paulo : Nova Cultrual, 1991.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. 9. ed. São Paulo : Cultrix, 1993.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Versão dos Monges de Meredsos (Bélgica). Trad. Centro Bíblico Católico. 52. ed. São Paulo : Ave Maria, 1986.
- DIDEROT, A. L. Thomas. *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, a vontade de saber*. 9. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade, o cuidado de si*. 3. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade, o uso dos prazeres*. 5. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1988.

- KAPLAN, Helena S. *Enciclopédia básica de educação sexual*. Rio de Janeiro : Record, 1983.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus maleficarum. O martelo das feiticeiras*. 6. ed. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1991.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. 8. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, (s.d.).
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas : Papyrus, 1987.
- REJON, Moreno. *Ética e sexualidade*. Rio de Janeiro : Ed. Vozes.
- REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA. São Paulo : Iglu, 1990-1994.
- ROSS, David. *Aristóteles*. Lisboa : Dom Quixote, 1987.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. *O diabo*. Rio de Janeiro : Campus, 1991.
- SNOEK, Jaime. *Ensaio de ética sexual*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1981.
- TANNAHILL, Reay. *O sexo na história*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1980.
- THONNARD, F. *Compêndio de história de filosofia*. São Paulo : Herder, t. 1 e 2, 1968.
- VASCONCELOS, Naumi. *Os dogmatismos sexuais*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1971.
- VIDAL, Marciano. *Moral I e II*. São Paulo : Ed. Santuário, 1981.